



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA**

**PRICILA DA SILVA FLORENCIO DE SOUZA**

**AVALIAÇÃO NA APRENDIZAGEM:  
Discutindo o processo avaliativo na escola**

**GUARABIRA – PB**

**2012**

**PRICILA DA SILVA FLORENCIO DE SOUZA**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM:**

**Discutindo o processo avaliativo na escola**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia, orientadora: Professora Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.

**GUARABIRA – PB**

**2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

S719a

Souza, Pricila da Silva Florencio de

Avaliação da aprendizagem: discutindo o processo  
avaliativo na escola / Pricila da Silva Florencio de Souza.  
– Guarabira: UEPB, 2012.

18f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Mônica de Fátima Guedes de  
Oliveira”.

1. Avaliação      2. Aprendizagem  
3. Ensino      I. Título.

22.ed. CDD 371.27

**PRICILA DA SILVA FLORENCIO DE SOUZA**

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM:  
discutindo o processo avaliativo na escola**

Aprovada em 27 de 06 de 2012

**BANCA EXAMINADORA**

*Mônica de Fátima Guedes de Oliveira*

---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira - UEPB  
(Orientadora)

*Silvânia Lúcia de Araújo Silva*

---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Silvania Lúcia de Araújo - UERN  
(Examinadora)

*José Otávio da Silva*

---

Prof<sup>º</sup> Ms. José Otávio da Silva - UEPB  
(Examinador)

**GUARABIRA – PB**

**2012**

Dedico a Deus, pela existência da vida, a minha família que é meu ponto de partida e meu refúgio nos momentos de tristeza. Às minhas amigas, pois, esta vitória não seria possível sem elas.

## **AGRADECIMENTOS**

“Ao Deus Supremo”

Primeiramente a Deus, meu Senhor e mestre, que me dá constantemente forças para resistir as dificuldades de minha vida.

Aos meus pais, pelo que representam na minha vida.

Aos meus filhos, Andrew Eduardo e Pablo Henrique, e ao meu esposo Adriano Florencio, por sempre estarem presentes e terem paciência, por não terem as atenções que mereciam.

Aos meus professores da UEPB, que não só transmitiram conhecimentos, mas o sentimental na real prática.

A minha orientadora Prof<sup>a</sup> Mônica de Fátima Guedes de Oliveira, pela orientação do trabalho final de curso.

As minhas amigas Edna Alves e Joana Paula, pela companhia no decorrer do curso.

A todos, meus sinceros agradecimentos, pela compreensão, orientação e conselhos.

“Senhor, não peço para avançar muito na jornada, um passo a cada dia é o bastante.”

(Card j. Henry Newman)

## SUMARIO

### RESUMO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2. POR QUE RAZÃO A ESCOLA FAZ AVALIAÇÃO? .....</b>	<b>08</b>
<b>3. FORMAS DE AVALIAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
3.1.Como Avaliar.....	14
<b>4. REPENSANDO A AVALIAÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>16</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>17</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>18</b>

## **AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: DISCUTINDO O PROCESSO AVALIATIVO NA ESCOLA**

### **RESUMO**

O trabalho tem como o objetivo principal questionar a avaliação no âmbito escolar. Dessa forma, buscamos entender por que razão a escola faz avaliação, para assim compreender o conceito e, conseqüentemente, as funções do processo avaliativo. No entanto, é de compreensão, para que ocorra a construção da aprendizagem, é necessário que os conhecimentos já existentes do educando façam uma associação de sua realidade com a nova a ser mostrada e, então, consiga desenvolver-se. Diante disso, o trabalho busca compreender as relações entre o ensino e a aprendizagem para, assim, esclarecer o papel fundamental da avaliação para a construção desse processo. Em termos gerais, a avaliação é um processo de análise de dados coletados pelo professor, através dos procedimentos e instrumentos de verificação do rendimento escolar, de acordo com o objetivo proposto. Nesse trabalho, abordamos três tipos essenciais no processo avaliativo: a avaliação diagnóstica inicial, a formativa e a somativa. A avaliação diagnóstica inicial tem como função identificar as dificuldades do educando. A formativa, por sua vez, preocupa-se com a superação de tais dificuldades, enquanto a somativa visa apenas o produto final. Nesse caso, uma depende da outra. É a partir da auto-avaliação que, os professores conseguem repensar sua prática pedagógica. De modo geral, chegamos à conclusão que a avaliação constitui um papel fundamental para análise no processo de aprendizagem em todas as disciplinas e, a partir da obtenção de tais resultados, já possível fazer uma análise tanto da aprendizagem do educando quanto do trabalho do educador.

Palavras-chave: Avaliação. Ensino. Aluno.

### **1. INTRODUÇÃO**

Esse trabalho é um estudo sobre a importância da avaliação no âmbito escolar. Através dele, buscamos mostrar de um modo geral, aos educadores que a avaliação não é só aplicar provas e exames, mas, sim, um processo burocrático que precisa ser cumprido. É necessário e contínuo no trabalho docente, que deve compartilhar dia a dia no processo de ensino e aprendizagem dos educando.

No primeiro momento, iniciamos com a finalidade de oferecer aos educadores o objetivo selecionado com algumas informações que beneficiam o aluno apresentando dados

sobre esses avanços, dificuldades e possibilidades, e subsidio que o professor trás consigo em uma reflexão sobre sua prática em sala de aula para aprimorar o seu desempenho.

No segundo momento, fizemos uma retrospectiva da avaliação, nas diferentes formas de avaliar seu aluno. Os professores sempre têm que estar presentes no desenvolvimento do aluno, pois, a cada momento que se passam, as crianças assimilam conhecimentos novos e processam mais informações a cada dia, por isso, que não é só através de provas, de trabalhos que eles (alunos) aprendem.

No terceiro momento, abordaremos sobre os três tipos de avaliação: a avaliação diagnóstica inicial, a formativa e a somativa, onde as três não trabalham sozinha, uma depende da outra para dar o seu diagnóstico final aos educandos. No último momento, expomos os questionamentos: o que é avaliar? E como avaliar? Quando fazemos essa pergunta, a primeira resposta que vem é a de que devemos avaliar o que o aluno aprendeu, que capacidade desenvolveu a partir das atividades pedagógicas, realizadas na sala de aula. Os educadores devem avaliar os exercícios de verificação da aprendizagem, as pesquisas individuais e coletivas, estimulando o interesse do aluno pelos conteúdos abordados que despertem a curiosidade por novos conhecimentos.

## **2. POR QUE RAZÃO A ESCOLA FAZ AVALIAÇÃO?**

Na escola, o processo de avaliação é o objetivo de cada professor, como uma forma de medir, testar e julgar o nível de conhecimento de seus alunos, ou para “discipliná-los”, adestrando ou punindo-os? Esse tipo de situação acontece em algumas escolas, e confere ao professor o poder de, como detentor do saber, decidir sobre a vida escolar de seus alunos, considerando-os aptos, ou não, a prosseguir seus estudos? Sabemos que, de acordo com a história da avaliação esse modelo de organização escolar centrado no processo de avaliar para aprovar/reprovar?

O avaliar pode trazer o controle na qualidade da escola e proporcionar a todos os elementos nela envolvidos, numa perspectiva bem mais ampla, e que os alunos possam desenvolver plenamente as suas potencialidades.

O problema da avaliação escolar não está, pois, no ato de avaliar. A avaliação escolar tem sentido enquanto levantamento de elementos do processo e diagnóstico de aspectos do currículo e do programa a serem revistos ou tomados, buscando a melhoria da qualidade de

desempenho pessoal (de educadores e educandos) e dos recursos didáticos utilizados. Nesse sentido, Jussara Hoffman (2005, p.18) afirma:

Não é tarefa simples. A avaliação, na perspectiva de construção do conhecimento, parte de suas premissas básicas: confiança na possibilidade dos educandos construírem suas próprias verdades e valorização de suas manifestações e interesses.

Ao longo dos anos, o ato de avaliar para a “burocracia” exige dos alunos notas e dos professores um trabalho extenuante com conteúdos que devem ser memorizados e cobrados. Os resultados do trabalho árduo dos professores são devolvidos com as incalculáveis somas de notas, após dias e semanas de provas, que comprovam o sucesso ou o fracasso dos alunos.

No decorrer do trabalho, vamos identificando a busca de resposta para algumas questões: por que e para que se usa nota escolar? O que significa e para que serve a nota, no contexto da vida escolar dos alunos? Que reflexos têm a nota na formação ética dos alunos?

A forma de avaliar leva o aluno a estudar, não para aprender, mas para garantir a nota no final de cada, semestre letivo e conseqüentemente, garantir a sua aprovação. Será que nós, como, professores, podemos pensar num paradigma escolar, sem provas e sem notas? Tyler afirma que a:

a avaliação é o processo destinado a verificar o grau em que mudanças comportamentais estão ocorrendo.(...) A avaliação deve julgar o comportamento dos alunos, pois o que se pretende em educação é justamente modificar tais comportamentos( 1949, p.106).

É função da escola na atualidade ensinar o aluno a pensar, a buscar e processar informações adequadamente. Uma escola não pode se limitar a ter uma excelente estrutura, um conjunto de salas de aulas, se não conseguir repassar de forma inquestionável, uma educação de qualidade.

Os educadores devem estar disponíveis às crianças para concretizar e acompanhar as oportunidades vivenciadas e enriquecidas por elas.

A criança não pode se sentir integrada a uma escola que lhe proporciona uma situação constante de prova, de teste, onde a tensão se mantém e onde a criança e sua família são pré-julgadas e responsabilizadas pelo fracasso (...). São crianças que não passam numa prova de ritmo e sabem fazer uma batucada. Que não têm equilíbrio e coordenação motora e andam em muros e arvores. Que não têm discriminação auditiva e reconhecem cantos de pássaros (MACENA, 1988, pp. 48-51)

Podemos ver que as crianças têm potencial, não aprendem porque não têm interesse, uma vez que conseguem fazer atividades que exigem coordenação motora, raciocínio lógico.

A escola só tem sentido como o espaço de se aprender a pensar, pesquisar, analisar e avaliar, não só individualmente, mas também em equipes. Os fatos, fenômenos, acontecimentos, e problemas atuais, utilizando, para isto, os recursos da própria mente e os conhecimentos acumulados.

Na visão do papel escolar, torna-se evidente a necessidade de um novo paradigma de avaliação. Já não faz sentido elaborar questões de prova, nem sempre claras, compreensivas ou lógicas, que cobrem dos alunos o mero retorno daquilo que foi transmitido pelo professor. Hoffman defende que:

O teste é um instrumento de investigação sobre a ação de ambos os sujeitos desenvolvidos no processo educativo: aluno e professor. Considerando-se essa perspectiva do teste, o que se pretende é a formulação de hipóteses sobre a produção conjunta de conhecimento: qual o significado de determinadas respostas dos alunos nesse momento do processo de aprendizagem? Como partir do conhecimento produzido até esse momento para auxiliar o aluno a ir além, ampliar o seu saber? ( 2005, p.51)

A observação do desempenho, dos desenvolvimentos do crescimento dos alunos só poderá ser possível através de situações e atividades variadas. Vale salientar que podem ser feitas através de trabalhos em grupos, pesquisas, relatórios, projetos e provas, que os façam pensar e não apenas reproduzir o conhecimento adquirido.

Os alunos poderão demonstrar, além da compreensão dos assuntos trabalhados, seu empenho, interesse, criatividade e capacidade na utilização de recursos científicos e sócio-culturais disponíveis.

É papel do professor comprometido com a construção coletiva e a circulação do conhecimento, numa atitude de parceria, desafiar as estruturas mentais dos alunos, ajudando-os a ordenar e compreender o mundo, simbolizando, transformando e organizando os dados da realidade, classificando-os por critérios de semelhança ou de diferença.

Mas a escola ao treinar os alunos apenas na arte solitária de marcar cruzinhas, sem permitir ou estimular os confrontos de idéias, a justificativa ou a explicação do raciocínio desenvolvidos. Pois Hoffmann (2001, pág. 59) afirma:

...se valorizamos os erros dos alunos, considerando-os essenciais para o vir a ser do processo educativo, temos de assumir também a possibilidade das incertezas, das dúvidas, dos questionamentos que possam ocorrer conosco a partir da análise das respostas deles, favorecendo, então, a discussão sobre essas idéias novas ou diferentes..

Enquanto a avaliação escolar funcionar a partir da ótica da “resposta certa”, cobrando sempre de seus alunos a simples reprodução de resposta que o professor definiu como correta, não estaremos formando alunos autônomos, reflexivos questionadores e responsáveis pela transformação social.

Outra grande contribuição de teoria construtivista para a prática escolar está na nova visão do erro. Piaget (1970), em suas pesquisas, interessou-se mais pelos erros do que pelos acertos dos entrevistados. Para ele, “os erros dos alunos dão pistas para a compreensão de como se processa sua aprendizagem”.

A avaliação, vista como diagnóstico da aprendizagem, deve ser repensada a partir dessa ótica. Ninguém erra porque quer. Os erros são indícios da necessidade de, em primeiro lugar, tornar o erro um “observável” para o aluno e, em seguida, refazer os conceitos a que se referem, permitindo e estimulando a percepção, não só do erro, mas também o tipo de raciocínio que o motivou.

E como o conhecimento está sempre em processo, à avaliação precisa ser contínua, diária no sentido de permitir a (re) construção permanente de conceitos, sendo uma espécie de mapeamento que vai identificando as conquistas e os problemas dos alunos em seu desenvolvimento. (ABRAHÃO, 2000, p. 47).

Sendo assim, o erro pode estar na escola. Por isso, cabe a essa instituição repensar sua prática pedagógica, concertando-os, independentemente, de onde ou de quem ele surgiu.

### **3. FORMAS DE AVALIAÇÃO**

Podemos definir a avaliação escolar como um componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas seguintes. Mas, também podemos dizer que a avaliação refere-se à atividade, através da qual se emite um juízo sobre uma pessoa, um fenômeno, uma situação ou um objeto, em função de distintos critérios.

Na verdade, são diversas as definições sobre avaliação. Segundo o professor Cipriano Carlos Luckesi (1994, p. 196), “A avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino e aprendizagem que auxilia o educador a tomar decisões sobre o seu trabalho.”

Ambos os aspectos de “juízo” e o de “tomada de decisões” intervêm na avaliação educativa. Por hora, basta assimilar que consideramos a avaliação como uma tentativa mediante a qual, em função de determinados critérios, obtêm-se informações acerca de um fenômeno, situação objeto ou pessoa, emite-se um juízo sobre uma série de decisões relativas ao mesmo.

Neste caso, a avaliação educativa corresponde sempre a uma finalidade, a qual, na maioria das vezes, implica tomar várias decisões referentes ao objeto avaliado.

Levando em consideração os demais aspectos, o termo avaliar tem sido constantemente associado as expressões como: fazer provas, fazer exame, atribuir notas, repetir ou passar de ano. Essas expressões passaram a ser tradicionalmente dominantes na prática escolar. Na sala de aula, a educação é como mera transmissão e memorização de informações prontas e o aluno é visto como um ser passivo e receptivo.

Para Cronbach e outros (1980): “A avaliação refere-se ao exame do que ocorre na ação em prática de um programa e outros que perseguem seus mesmo propósitos”.

Nos mesmos parâmetros, cabe situar a definição de De Ketele (1980, p. 17), “... para quem ‘avaliar significa examinar o grau de adequação entre um conjunto de informações e um conjunto de critérios adequados ao objetivo fixado, com o fim de tomar uma decisão”.

Dentro de uma concepção mais ampla, a educação é concebida como experiência vivenciada, multiplicada e variada, tendo em vista o desenvolvimento motor, cognitivo e social do educando. Nessa abordagem, o educando é dinâmico, que participa da construção de seu próprio conhecimento.

Dentro dessa visão, em que educar é formar e aprender, é construir o próprio saber, a avaliação contempla dimensões e não se reduz apenas em atribuir notas. A nota não é o objetivo do ensino, somente expressa níveis de aproveitamento escolar em relação aos objetivos propostos.

Em termos gerais, a avaliação é um processo de coleta de análise de dados tendo em vista verificar se os objetivos propostos foram atingidos, sempre respeitando as características individuais e o ambiente em que o educando vive. Sendo assim, a avaliação deve ser integral considerando o aluno como um ser total e integrado e não de forma fragmentada.

Neste sentido, Tyler (1950, p.31) afirma: “...o processo de avaliação é essencialmente o processo de determinar até que ponto os objetivos educativos foram realmente alcançados, mediante os programas de currículos de ensino”.

Qualquer que seja a definição que se escolha a respeito da avaliação, ela sempre pressupõe uma referência ao objeto avaliado e aos critérios utilizados como seu referencial.

Para procedê-la a partir de uma perspectiva psicoeducativa, é necessário estar vinculado a uma teoria que permite identificar os problemas, emitir juízos e adotar decisões.

Ainda que não se disponha, na atualidade, de uma teoria integrada e unificada da ação pedagógica, que aconselhe a instrumentalização de determinadas estratégias de avaliação, a psicologia da educação inclui amplos marcos, na medida em que interpreta de modo diferenciado os processos de ensino e aprendizagem, imprimirá as características próprias aos modelos, teorias e técnicas relativas à avaliação.

Segundo Libâneo (1994), nos diversos momentos do processo de ensino, são tarefas de avaliação: a verificação, a qualificação, e a apreciação qualitativa.

.**Verificação**: coleta de dados sobre o aproveitamento dos alunos através de provas, exercícios e tarefas ou de meios auxiliares, como observação de desempenho, entrevista etc.

.**Qualificação**: comprovação dos resultados alcançados em relação aos objetivos e, conforme o caso atribuição de notas o conceitos.

. **Apreciação qualitativas**: avaliação propriamente dita dos resultados, referindo-se a padrões de desempenho esperados. ( p.196)

Para alcançar seus propósitos, a avaliação educativa pode adotar múltiplas formas. Ainda que cada autor proceda à classificações diferentes, existe um acordo generalizado em torno de algumas categorias relativas aos tipos de avaliação.

Assim, considera-se que esta pode ser contínua ou pontual, conforme o professor a efetue de forma regular em sua sala de aula, ou seja, o resultado de um exame realizado de forma isolada. Além disso, existem vários outros tipos de avaliação, dentre eles

. **A avaliação diagnóstica inicial** – É utilizada com finalidades prognósticas; é a que informa sobre as capacidades que um determinado aluno possui para abordar um novo conteúdo de aprendizagem.

. **A avaliação formativa** - Sua finalidade é proporcionar informações acerca do desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem com o fim de que o professor possa ajustá-lo progressivamente.

. **Avaliação somativa** – É a que permite realizar um balanço dos conhecimentos adquiridos pelos o alunos e formular um juízo relativo a sua credibilidade acadêmica. Por isso, este tipo de avaliação intervém ao final de uma unidade de ensino, tratando-se de um curso, um ciclo, uma quinzena ou semestre e sempre e sempre com a mesma finalidade:

determinar o grau de domínio de alguns objetivos previamente estabelecidos, sobre os quais supostamente girou o processo de ensino/aprendizagem.

### 3.1 COMO AVALIAR?

Avaliar não é medir. Avaliar envolve o levantamento de informações sobre a aprendizagem dos alunos, que deve ser analisada considerando os critérios e objetivos do plano de ensino, e inclui também o processo de tomada de decisões.

A avaliação envolve, portanto, à medida, ou a prova, mas não se reduz a ela. Nesse sentido, analisar como vou avaliar não implica definir apenas que provas, testes vou realizar, mas sobretudo estabelecer como vamos permitir que os dados levantados permitam o autoconhecimento do aluno e o diagnóstico do ensino oferecido.

Evidentemente, será sempre importante para o professor aprender a construir instrumentos um pouco mais precisos, que permitam analisar com mais rigor o nível de competência e as habilidades que os alunos estão alcançando.

Contudo, reforçar somente esse aspecto da avaliação do rendimento escolar pode levar a desenvolver uma prática que não considera a sua possibilidade formadora. Isto é, uma prática fragmentada, que reduz e estréia o olhar do professor sobre a pessoa do aluno que está formando.

A avaliação, ao possibilitar o diagnóstico do ensino oferecido pelo professor e do desempenho do aluno, pode ser formadora quando os resultados possibilitarem também uma reflexão sobre a prática que estamos desenvolvendo, isto é, quando os resultados obtidos pelos alunos permitirem ao professor analisar a sua participação na aquisição da aprendizagem e identificar, a partir daí, quais as estratégias mais efetivas e as que precisam ser revista, quais as dificuldades que ele mesmo, professor, enfrenta no desenvolvimento do programa.

Como vimos anteriormente, a avaliação escolar é um processo contínuo que deve ocorrer em todos os momentos do trabalho desenvolvido na sala de aula. A verificação e a qualificação dos resultados da aprendizagem no início, durante e no final das unidades didáticas, visam sempre diagnosticar e superar dificuldades, identificar prioridades, corrigir falhas, estimular os alunos a continuarem se dedicando aos estudos e, até mesmo, situar o próprio educador e o educando no percurso da escola.

Para que a avaliação funcione para os alunos como um meio de auto compreensão, importa que tenha, também, o caráter de uma avaliação

participativa. Por participativo, aqui, não estamos entendendo o espontaneísmo de certas condutas auto avaliativas, mas sim a conduta segundo a qual o professor, a partir dos instrumentos adequados de avaliação, discute com os alunos o estado de aprendizagem que eles atingiram (LUCKESI, 2006, p.84)

A avaliação deve revelar o que ocorre com o aluno durante o processo da aprendizagem. A partir dela, o professor obtém dados para refletir sobre o seu trabalho e reformular suas respostas. Caminhando pela classe, enquanto os alunos trabalham individualmente ou em grupos, o professor poderá fazer observações sobre o desempenho, colaboração e respeito entre eles.

Mesmo porque nenhuma atividade escrita pode revelar em que ponto se encontra cada aluno em relação ao conteúdo que está sendo desenvolvida. Devem ser avaliações curtas, fáceis de corrigir, para rápida devolução de modo que se tornem úteis ao seu aluno na identificação de suas falhas e necessidades, afim de que essas avaliações sejam vistas pelo professor e pelo aluno como uma atividade de aprendizagem.

As falhas e necessidades dos alunos são percebidas pelo professor, que estudará maneiras de ensiná-las. À medida que os alunos crescem, poderão participar dessa avaliação mais ativamente e procurar soluções próprias para encontrar suas falhas.

A autoconfiança do aluno é um fator importante para que ele enfrente suas dúvidas e tente resolvê-los, mas ela depende do ambiente e do grau de confiança, promovidos pelo educador.

Para isso, é preciso que o aluno sinta que suas idéias e sua forma de se expressar sejam respeitadas pelo professor e pelos colegas que o erro não é motivo de punição, que a discussão dos erros é um momento de aprendizagem. Com isso, o aluno não vai ter receio de trazer para classe as dúvidas, irá criar um ambiente onde não terá medo de desenvolver a sua confiança e o estímulo de estudar.

#### **4. REPENSANDO A AVALIAÇÃO**

Os tempos mudaram para alguns educadores. No passado o aluno bom era aquele que ficava quieto no canto da sala e bem comportado, aquele que não questionava o professor, limitava-se apenas a tirar uma ótima nota.

O aluno que tem sempre novas informações sobre o conteúdo que o professor expõe, pode dar uma grande colaboração em sala de aula. O estudante de bem com a vida, alegre e bem humorado, contagia os colegas, é sempre útil nos grupos de trabalho. O aluno certinho,

treinado para se comportar dentro da sala de aula, muitas vezes não é capaz de ter iniciativas próprias e tomar decisões com agilidade necessária, costuma se sair melhor o estudante questionador, que não aceita passivamente a explicação do professor, o que impulsiona a busca de novas informações.

Ao enxergar diversos aspectos físicos, emocionais e sociais do desenvolvimento humano, é possível dimensionar melhor o papel da escola e do professor como agente facilitador desse processo. Jussara Hoffmann (2009, p.109) afirma:

Todo o estudante é capaz de analisar suas condições de aprendizagem. Ele cria expectativas e reconhece expectativas criadas sobre ele. Convivendo com os colegas e com vários professores, faz comparações que lhe permite reconhecer erros e acertos, qualidade dos textos produzidos, sinais externos de aprovação/desaprovação de suas atitudes. Mesmo a criança muito pequena é capaz de refletir sobre suas ações e suas falas, mudando de atitudes a partir de conversas com os adultos.

A escola tradicional avaliava os educandos apenas pela nota, por ser um aluno mais quietinho teriam pontos indispensáveis nesta maneira avaliativa. No decorrer do tempo esta forma de avaliação foi substituída por uma avaliação contínua, isto significa que devem sempre ser avaliados de acordo com sua participação e seus questionamentos dos conteúdos, havendo assim um aperfeiçoamento nas trocas de informações, entre professor/aluno.

Os educadores de verdade buscam métodos de ensino que atinjam todos os educandos de forma coletiva, mas a aprendizagem será realmente individual, pois cada ser tem o seu momento particular no desenvolvimento intelectual. Cabe os educadores transmitir os conteúdos de forma lúdica e agradável, tornando para o aluno uma aula possivelmente chata, numa aula dinâmica e prazerosa. Não podemos esquecer da participação integral da família na vida estudantil dos seus filhos.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A avaliação é sempre um desafio que chega a ser a peça importante na escola. Embora seja fonte de muitos estudos e pesquisas com diferentes modalidades e concepções de ensino e aprendizagem, seguindo sempre as práticas e escolhas pedagógicas, definição de objetivos e conteúdos de ensino, é essencial que seja levado em consideração na forma de avaliar.

A avaliação deve ser realizada na escola de forma contínua, aos alunos nas séries escolares a estratégias de aceleração de aprendizagem, de recuperação, deve estar apoiada em

análises qualitativas que permitam compreender o desempenho do aluno. Nesse caso, é fundamental que o professor deixe claro quais são os objetivos que se quer atingir ao realizar um procedimento de verificação do rendimento escolar, pois, os alunos precisam saber para que estão trabalhando e no que estão sendo avaliados.

Ao avaliar o aluno, o educador obtém informações sobre o seu próprio trabalho, levando-o a repensar e, até mesmo, mudar sua prática pedagógica, visando sempre a qualidade da aprendizagem.

A avaliação da aprendizagem possibilita levar à frente uma ação que foi planejada, não será qualquer resultado que satisfará, mas sim um resultado compatível com a relação da teoria e com a prática pedagógica que está sendo utilizada na sala de aula.

Vale salientar que a avaliação é uma tarefa complexa que não se resume à realização somente de notas, basta reforçarmos a ideia de que a avaliação é um processo diagnóstico e inclusive, que busca todo momento, o desenvolvimento intelectual das capacidades cognoscitivas dos educandos.

Ao longo dos anos, é o que procura-se em nossas escolas, compromisso e competência do vínculo indivíduo/sociedade, o que justifica a busca de um novo paradigma de avaliação educativa.

## **ABSTRACT**

The work has as main purpose to question the assessment in the school. Therefore, we sought to understand why the school is evaluating, in order to understand the concept and, consequently, the functions of the evaluation process. However, it is to understand, that the construction of the learning occurs, it is necessary that the existing knowledge of the student to do one of its association with the new reality to be displayed, and then can develop. Thus, the work seeks to understand the relationship between teaching and learning to thereby clarify the role of assessment for the construction of this process. Overall, the evaluation is a process of analyzing data collected by the teacher, through the procedures and tools for verification of academic performance, according to the proposed objective. In this paper, we discuss three basic types in the evaluation process: the initial diagnostic assessment, formative and summative. The initial diagnostic evaluation function is to identify the difficulties of the student. The training, in turn, is concerned with overcoming such difficulties, while the summative seeks only the final product. In this case, depends on the other. It is from the self-assessment, teachers can rethink their teaching. Overall, we conclude that the assessment is to analyze a key role in the learning process in all disciplines, from obtaining such results, it can make an analysis of both the learning of the student's work as an educator.

Keywords: Evaluation. Education. Student.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org). **Avaliação e Erro construtivo Libertador: Uma Teoria-Prática Incluyente em Educação**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000.
- CÉSAR, Coll. **Desenvolvimento psicológico**. Vol.2. Artmed. Porto Alegre. 1996.
- CRONBACH, L. J. ET AL. **Toward reform of program evolution**. San Francisco: Jossey Bass.1980
- DE KETELE, j. M.(1980). **Observe pour éduquer**. Berna: Peter Lang,1980
- FREIRE, Paulo. **Conscientização; teoria e prática da libertação: Uma introdução do pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez e Morales, 1979
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 2001
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**/Jussara Hoffmann – Porto Alegre: Mediação/2005.35° Ed .Revista. 18p.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**/ Cipriano Carlos Luckesi. – 18. Ed. – São Paulo: Cortez, 2006.
- MACEDO, Leno de **A. perspectiva de Jean Piaget**. Ideias nº2 A pré-escola e a criança, hoje. São Paulo/ Secretaria de Educação,1998, p 47- 51.
- TYLER, R. W. **Basic principles of Curriculum and instruction**. Chicago: The University of Chicago, 1949. P. 106.
- VINH-BANG. **A intervenção psicológica**. Trad. De C. ScriptorieL. Zaia. Mim.1990